



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Linha de Transmissão
Londrina/Assis/Araraquara**

Assis-SP, 07 de novembro de 2005

Meu querido companheiro Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,
Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,
Meu querido companheiro Eduardo Matarazzo Suplicy, senador da
República,

Senhor José Pedro Rodrigues de Oliveira, diretor-presidente de Furnas
Centrais Elétricas,

Senhor Milton Mendes, presidente da Eletrosul,

Senhoras e senhores prefeitos presentes aqui da região de Assis – tem
muitos prefeitos, eu vou economizar em citar o nome,

Meu caro Rogério Ribeiro de Abreu dos Santos, diretor da Abengoa do
Brasil S/A,

Senhor Luciano Junqueira, diretor-geral da Concessionária ATE
Transmissora de Energia S/A,

Vereadores,

Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, quero dizer para vocês porque que eu estou em Assis, nesta
tarde do dia 7 de novembro, um dia depois da vitória do Corinthians sobre o
Santos, por 7 a 1, o que deixou meu companheiro Suplicy meio nervoso. O
Palmeiras também não está bem das pernas, perdeu de 4 a 0.

Mas eu estou aqui pelo simbolismo deste ato de hoje. Eu estou aqui
porque muitas vezes vocês assistem pela televisão, ouvem no rádio ou lêem



nos jornais sobre políticos dizendo que vão trazer empresas de fora para investir no Brasil, outros dizem que vão trazer para investir na cidade, outros dizem que vão trazer para investir no estado.

Eu estou aqui porque quando nós fizemos os leilões para construir estas linhas de transmissão, primeiro, as empresas públicas não podiam participar, e nós garantimos que elas pudessem participar e ganharia quem oferecesse o melhor preço, sobretudo, para o consumidor brasileiro.

Segundo, porque quando nós quisermos convencer alguém a investir no Brasil... as pessoas exigem alguns quesitos para investir no Brasil ou em qualquer país do mundo. E a energia elétrica é condição *sine qua non*, é condição básica para que o empresário decida colocar dinheiro numa cidade ou numa região porque sem a luz elétrica ele não consegue mover as suas máquinas e, portanto, não tem a possibilidade de gerar riquezas e os empregos que, muitas vezes, são tão prometidos.

Então, uma empresa exige infra-estrutura, que significa energia, que significa rodovia. Ela exige que tenha mão-de-obra qualificada, porque senão ela também não vem, e ela exige que tenha mercado para os produtos que ela vai produzir, que as pessoas tenham poder de compra. É assim que as pessoas se movimentam, no mundo, para fazer investimentos.

Por isso eu estou aqui, porque esta linha que liga Londrina a Araraquara – como disse o nosso ministro Silas, Assis, que é uma cidade de aproximadamente 100 mil habitantes, gasta 16 megawatts – ou seja, na medida em que esta linha consegue transportar 1.800 megawatts, significa que esta linha traz, para esta região, mais de 100 vezes a potência energética que tem hoje a cidade de Assis.

Isso, por si só, é um grande chamariz para que empresas possam pensar, no dia de amanhã, em vir construir alguma fábrica na região porque percebem que não vai ter mais problemas de apagão neste país. E quando veio o apagão, em 2001, eu não sei como é que vocês se sentiram. Nós fomos



prejudicados duas vezes. Primeiro, fomos prejudicados porque ficamos sem energia e, depois, fomos prejudicados porque tivemos que pagar pela energia que não consumimos. Ou seja, nós tivemos que pagar o prejuízo que as empresas tiveram, mesmo não utilizando a energia.

E o que nós estamos garantindo é que o Brasil, na medida em que queira ser um país altamente desenvolvido, o Brasil tem que oferecer aos investidores, tanto internos quanto externos, energia farta, energia de sobra e, de preferência, energia barata.

Como o Brasil é muito grande, vocês compreenderam o que disse o ministro Silas, às vezes você tem excesso de produção de energia no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e, quem sabe, até no Paraná, mas não está chovendo em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, o que acontece? Tem excesso de produção de energia lá, tem falta de energia aqui. Como não tem linha de transmissão, você não consegue trazer a energia.

O que nós estamos fazendo é uma ligação da totalidade do território nacional para que, quando tiver energia sobrando na Amazônia, você possa transportá-la para o Centro-Oeste, quando tiver energia sobrando no Centro-Oeste, você possa transportá-la para São Paulo, você possa transportá-la para outro estado, sem que a gente possa correr o risco de ter mais apagões no nosso país.

Toda vez que sai uma notícia dizendo que vai ter apagão, quem estava pensando em fazer um investimento no Brasil começa a pensar: “Espera aí, por que eu vou investir naquele país, se nem energia elétrica eles me oferecem? Como é que eu vou tocar as minhas máquinas? À vela? Não dá. Então, vou procurar outro país”.

Então, o que nós estamos fazendo aqui são sinais de garantia para que quem queira fazer investimentos no Brasil não tenha preocupação, porque nós estamos fazendo isso na energia elétrica; estamos fazendo isso com os gasodutos que estamos construindo para, também, interligar o Sul, o Sudeste e



o Nordeste brasileiro. E estamos fazendo isso para que o Brasil seja um país mais uniforme, que não tenha um centro muito desenvolvido, como São Paulo, Rio de Janeiro ou Minas Gerais e tenha regiões altamente subdesenvolvidas, como partes do Norte e do Nordeste brasileiro.

Nós estamos tentando transformar o Brasil num país mais igual, num país mais justo, num país em que a gente vá garantindo as possibilidades para que todos os centros do Brasil possam se desenvolver.

E fico feliz quando o Ministro de Minas e Energia diz aqui o seguinte: com os próximos leilões que vamos fazer, dia 17 de dezembro – e eu quero que Eletrosul e Furnas entrem, outra vez, na concorrência e ofereçam os preços mais baratos do que eles, para poder ganhar a concorrência – quando nós fizermos os próximos leilões, nós vamos fazer contratos que vão terminar, mais ou menos, em 2007.

Qualquer que seja o governo eleito o ano que vem, ele vai chegar em 2007 e vai perceber que em cinco anos nós produzimos linhas de transmissão, ou seja, 21% de tudo o que foi produzido de linha de transmissão em 122 anos. Não é pouca coisa, é muita coisa.

E isso, certamente, causa uma certa ira naqueles que não querem que o Brasil se desenvolva, naqueles que querem que o Brasil continue pobre, naqueles que querem que, efetivamente, o Brasil continue sendo, por mais um século, um país em desenvolvimento ou um país emergente.

Eu, particularmente, estou convencido de que este século XXI tem que ser o século do Brasil. O século XIX foi da Europa, o século XX foi dos Estados Unidos, porque que o século XXI não pode ser do Brasil? Por que nós não saímos do rol dos países eternamente em vias de desenvolvimento e não nos transformamos num país definitivamente desenvolvido, para que a gente possa competir com os países da União Européia, para que a gente possa competir com os Estados Unidos, para que a gente possa competir com um país emergente, mas que está crescendo muito, como a China? Isso só vai



acontecer quando nós criarmos as bases que garantam ao Brasil dar o passo seguinte.

Porque, uma vez, neste país, e aqui em São Paulo vocês se lembram bem, quando houve a introdução da indústria automobilística no Brasil, na década de 50, ao invés de a gente manter a indústria automobilística, construir rodovias e manter as ferrovias, o que nós fizemos? Fizemos as rodovias e destruimos as ferrovias. Ou melhor, destruimos as ferrovias e construímos rodovias novas. Hoje, nós descobrimos que nós precisamos de rodovias e de ferrovias outra vez. E vamos ter que fazer.

Acabamos de fazer um contrato agora, senador Suplicy, e daqui a uns 15 dias vamos anunciar uma ferrovia chamada Transnordestina, ligando o Porto de Suape, em Pernambuco, ao Porto de Pecém, no Ceará, passando pelo Piauí. Um investimento de 4 bilhões e 200 milhões de reais, para que a gente possa dar chance àquela parte do Brasil de se desenvolver.

Como, da mesma forma, fizemos um convênio com a PDVSA, da Venezuela, e vamos fazer uma refinaria nova no estado de Pernambuco, e vamos fazer uma siderúrgica no estado do Ceará, em Fortaleza, para que a gente possa, definitivamente, colocar o Brasil no rol dos países altamente desenvolvidos e como um país competitivo, que possa vender os seus produtos no exterior, mas não apenas produtos *in natura*, produtos em grão ou minérios, que a gente possa colocar valor agregado nos produtos que estamos fabricando porque é isso que dá a dimensão de crescimento e de enriquecimento de um país.

Então, estou aqui por isso. Estou aqui porque esta linha de transmissão tem um simbolismo muito grande para nós, que fizemos o primeiro leilão; para as empresas privadas que entraram, dizendo que é possível baratear preços, ensinando as nossas empresas públicas que podem ser mais generosas e também baixarem preços e, também, para o povo da região, que vai ter um ganho na possibilidade de novos investimentos no nosso querido país.



Dito isso, eu queria dizer para vocês que o Brasil tem uma chance ímpar. E se nós jogarmos fora essa chance, nós seremos tão medíocres quanto tantos medíocres que jogaram chances fora, neste país.

Este país, durante praticamente 30 anos, foi o país que mais cresceu no mundo, de 1930 a 1980, ou melhor, durante 50 anos nós fomos uma das economias que mais cresceu no mundo, crescemos à média de 10% na década de 70, e eu vivi esse momento.

Entretanto, não basta um crescimento se não houver uma combinação entre o crescimento e a política de distribuição de renda, porque é a distribuição de renda que vai dar – e eu estou vendo, aqui, sindicalistas – que vai dar uniformidade de oportunidade para que a sociedade possa se desenvolver, para que as regiões possam se desenvolver e para que o Brasil possa colher, como fruto, a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

E nós estamos construindo isso, com paciência, é verdade, com muita delicadeza, sem inventar nenhuma mágica porque em política econômica não tem mágica. Eu estou vendo aqui pessoas, mais ou menos, da minha idade. Toda vez que neste país alguém inventou uma mágica dizendo: “o meu plano vai ser a salvação da lavoura”, seis meses depois o plano acabou e o povo pobre, sobretudo o povo trabalhador, ficou com o prejuízo. Nós não permitiremos que isso aconteça no Brasil.

Nós temos consciência do momento que vive o Brasil. Temos consciência da oportunidade que tem o Brasil, com relação ao mundo. Nós saímos de 60 bilhões de exportação para 114 bilhões agora, em setembro. Se Deus quiser no ano que vem chegaremos a 120.

Nós, que vivíamos todo ano pedindo dinheiro emprestado ao FMI para que a gente pudesse pagar as nossas contas no final do ano, temos agora um saldo, na nossa balança comercial, de 41 bilhões de dólares. O Brasil, que vivia mandando os seus ministros a Nova Iorque, para fazer acordo com o FMI, no ano passado nós mandamos o Palocci a Nova Iorque para dizer para o FMI:



“Nós não precisamos mais fazer acordo com o FMI”. Não precisamos fazer nenhuma passeata, não precisamos fazer nenhuma faixa, não precisamos fazer nenhuma baderna para dizer isso.

Eu, que passei muito tempo da minha vida gritando: “Fora FMI”, não precisei fazer nada. Apenas com a autoridade de Presidente da República: “Nós não queremos mais acordos, vamos andar com as nossas próprias pernas, somos donos do nosso nariz e o Brasil só vai gastar aquilo que pode gastar”.

Nós temos que fazer com o país aquilo que a gente faz na nossa casa, sobretudo as mulheres, que têm mais responsabilidade. Ou seja, ela pega o salário do marido, se ela não trabalhar, e ela sabe que não pode inventar despesa, que não pode comprar televisão nova, que não pode comprar geladeira nova, que não pode comprar bebida nova, por quê? Porque ela quer garantir o sustento da casa e a comida dos filhos. E aí é que um governante tem que agir, exatamente assim.

Por isso, nós estamos confiantes. Estamos confiantes que o Brasil não perderá esta oportunidade, que o Brasil, o ano que vem, vai ter um crescimento muito bom, que nós vamos gerar mais empregos. E eu canso de dizer todo dia, Milton – você que é advogado trabalhista de origem – tem gente que fica nervosa quando eu digo isso, Prefeito, mas de 1992 a 2002 foram gerados, neste país, medindo a diferença entre os trabalhadores contratados e os trabalhadores demitidos, o saldo positivo era mais ou menos uma média de 8 mil empregos por mês. Em 34 meses, nós estamos criando 105 mil empregos por mês, 12 vezes mais. Emprego de carteira profissional assinada. E vamos criar mais até dezembro, e vamos criar mais o ano que vem porque eu digo sempre que o emprego, nada mais do que o emprego, dá cidadania a um ser humano. Nada é mais honroso para um chefe de família do que chegar no final do mês e levar para casa o resultado do seu salário com o resultado do seu trabalho, e colocar comida na mesa para si e para a sua família.



E é este Brasil que nós queremos construir. E este Brasil que nós queremos construir só será possível, só será verdadeiro se a gente conseguir fazer o que eu vou dizer para vocês agora: encontram-se em implantação 46 novos empreendimentos de transmissão, que adicionarão ao sistema mais 5.158 quilômetros de novas linhas, com investimento de cerca de 4 bilhões e 340 milhões de reais, aumentando, assim, a rede básica em 6,3% até 2007.

Portanto, quando chegar 2007, José Pedro, certamente você vai estar vivo, nós vamos colher, com muito carinho, o Brasil que nós começamos a plantar em 2003.

Boa sorte, muito obrigado e meus parabéns ao povo de Assis.

Na vinda do aeroporto para cá, o motorista de um carro da nossa comitiva enfartou, bateu o carro, morreu o companheiro, o outro morreu também. Morreu o sargento do Exército Everaldo Bastos Rodrigues, e o outro segurança, Vlanderni do Nascimento, encontra-se em estado grave no hospital.

Então, depois de falar de tanta coisa boa, temos que constatar que nem tudo na vida acontece como a gente desejaria que acontecesse. E nossas homenagens aos companheiros.

Obrigado.